

Boane luta contra casamentos prematuros

n EVELINA MUCHANGA

OS casamentos prematuros preocupam a sociedade, uma vez que muitas raparigas são forçadas a abandonar a escola e assumir responsabilidades no lar, podendo morrer durante o parto ou contrair doenças que as marcam para sempre.

FOTOS DE U. MATULA



Participantes na capacitação sobre casamentos prematuros em Boane

Rosa Mavie, uma menina de 13 anos, é exemplo de tantas no país que se viram forçadas a viver maritalmente com um homem mais velho, no caso de 25 anos, e obrigada a deixar de estudar. Na altura, ela frequentava a sexta classe no distrito de Boane, província de Maputo. A relação durou pouco tempo

porque os líderes comunitários e o Governo local entrevistaram no caso e chamaram à razão os pais da menor sobre as implicações da sua atitude no futuro da menor.

Disseram aos progenitores que muitas raparigas, quando casadas, engravidam, abandonam a escola, ficam expostas à violência e desenvolvem doenças

e/ou morrem durante a gravidez ou no parto.

Rosa é nome fictício escolhido para descrever a história real desta menina que, por sorte, foi salva de uma relação forçada e já regressou à escola e à casa dos pais, mas há muitas outras meninas que não tiveram a mesma felicidade.

Em Moçambique, estatísticas

oficiais apontam para quase metade das mulheres casadas antes dos 18 anos, o que coloca o nosso país nos lugares cimeiros na região austral de África e no mundo em números de casamentos prematuros.

"No caso desta rapariga, os pais consideravam que já estava crescida e que era melhor que se casasse quanto antes para evitar

engravidar sem que esteja no lar e, consequentemente, o autor furtar-se da responsabilidade. Mas explicámos que o melhor caminho era a menina continuar a estudar até ao momento apropriado e, felizmente, os pais ouviram-nos. Tivemos de nos comprometer a fazer o acompanhamento da rapariga para evitar que ela engravide antes

dos 18 anos", disse Rosária Macicane, vereadora da Educação, Juventude, Desporto, Cultura e Acção Social no município de Boane.

Esta é a luta que muitos intervenientes estão a travar no país, particularmente no distrito de Boane, para evitar que as meninas se casem antes de estarem preparadas física e psicologicamente para assumir um lar.

Diferentes actores, entre líderes comunitários, religiosos, médicos tradicionais, estudantes, professores, agentes da Polícia, enfermeiros e membros do Governo, participaram semana passada num curso de capacitação sobre casamentos prematuros, saúde sexual e reprodutiva. No final, admitiram que os casamentos prematuros precisam de um combate coordenado.

Alice Banze, directora executiva da Gender Links, organização não-governamental responsável pela promoção da referida capacitação, considera que foram muitas as conquistas alcançadas, mas o desafio ainda é maior.

"Há necessidade de muito trabalho na mudança de atitude, comportamento, maneira de ser e estar. Por isso, precisamos lutar cada vez mais se quisermos proteger o futuro dos jovens e do nosso país", defendeu.

Apontou que Moçambique precisa de trabalhar ainda mais no combate aos casamentos prematuros, na promoção da saúde sexual e reprodutiva, na educação, empoderamento económico da mulher e na luta contra a vio-



Rosária Macicane

lência baseada no género, HIV/ SIDA e pobreza extrema.

"Estas são as áreas-chave que podem contribuir para o alcance da igualdade de género e de um mundo livre de todas as formas de violência contra a mulher e rapariga na sociedade", sublinhou.

A capacitação surge no âmbito da implementação das metas

do Protocolo da SADC sobre género e desenvolvimento assinado ano passado pelos estados-membros na Suazilândia para o período 2015 /2030. Está igualmente inserida na estratégia do Governo e na iniciativa do Gabinete da Primeira-Dama de luta contra os casamentos prematuros lançada recentemente em Cabo Delgado.

Vergonhoso o que se vive na sociedade

Influência dos tabus

prejudica não só a mulher mas também a família num todo".

lava a sexta classe no distrito de Boane, província de Maputo.

A relação durou pouco tempo

casadas, engravidam, abandonam a escola, ficam expostas à violência e desenvolvem doenças

Em Moçambique, estatísticas

casas quanto antes para evitar

comprometer a fazer o acompanhamento da rapariga para evitar que ela engravide antes

ção, empoderamento económico da mulher e na luta contra a vio-

substituiu. A capacitação surge no âmbito da implementação das metas

luta contra os casamentos prematuros lançada recentemente em Cabo Delgado.

Vergonhoso o que se vive na sociedade



Elekezande Tsanwane

INDIVIDUALIDADES que participaram na formação deixaram ficar as suas opiniões, que convergem na necessidade de se condenar e combater os casamentos prematuros, que minam a vida das raparigas e comprometem o futuro da sociedade.

O líder religioso Elekezande Tsanwane, de 65 anos, considera de vergonhosos os casamentos prematuros e outros tipos de violência praticada contra a mulher e rapariga na sociedade moçam-

bicana, em particular em Boane.

“Os casamentos prematuros são uma vergonha para a sociedade. Aprendi muito para a minha vida e família. Vou levar a informação para os outros líderes religiosos e crentes sobre a necessidade de não aceitarmos nem deixarmos que aconteçam casamentos de menores de idade na nossa comunidade”, disse.

Tsanwane sugeriu ao Governo para criar instrumentos legais que penalizem de forma severa

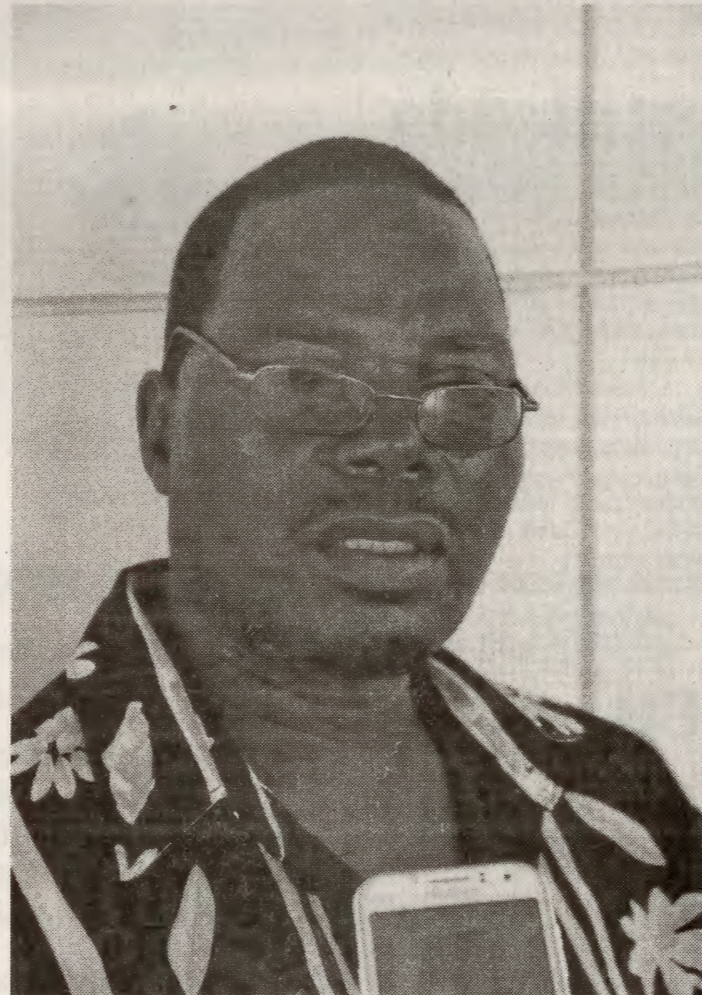
todos os que mesmo sabendo das implicações dos casamentos prematuros para a vida das crianças aceitam ou as forçam a casar-se.

“O Governo deve ajudar a combater desvios de comportamento na sociedade. As pessoas, quando estão na igreja, comportam-se de uma certa forma, mas fora dela fazem coisas que não se conformam com um cristão. Fazem coisas vergonhosas. Queremos acabar com os casamentos prematuros, mas não conseguimos. O Governo tem de nos ajudar muito nisso porque nós procuramos lutar contra estas práticas na igreja, mas as pessoas são renitentes”, observou.

Um outro aspecto que levantou tem a ver com o HIV/SIDA, pois algumas pessoas, mesmo sabendo que são portadoras do vírus, envolvem-se sexualmente sem protecção com meninas, comprometendo, deste modo, a vida e o futuro destas.

“Aprendi que não devemos ter medo de fazer o teste de HIV. Porém, há pessoas que se refugiam noutras doenças e dizem, por exemplo, que têm malária, enquanto são seropositivas. Somos todos chamados a mudar de atitude perante este problema de saúde, usar correctamente o preservativo para evitar contaminar e ser contaminado pelo HIV”, aconselhou.

Influência dos tabus



Ernesto Xirindza

DURANTE a capacitação de dois dias, os participantes viram como é que as desigualdades de oportunidades prejudicam a mulher no trabalho e consequentemente na família.

“Foi uma oportunidade para podermos ver e analisar que, de facto, ficar à espera que a mulher faça todos os trabalhos domésticos sozinha, com o homem sentando no sofá a ver televisão,

prejudica não só a mulher mas também a família num todo”, reconheceu o médico tradicional Ernesto Julião Xirindza.

Durante a palestra, os participantes foram convidados a alistarem todas as tarefas que uma mulher desempenha durante o dia, partindo do caso de uma mãe de duas crianças, de dois e quatro anos, sem empregada doméstica.

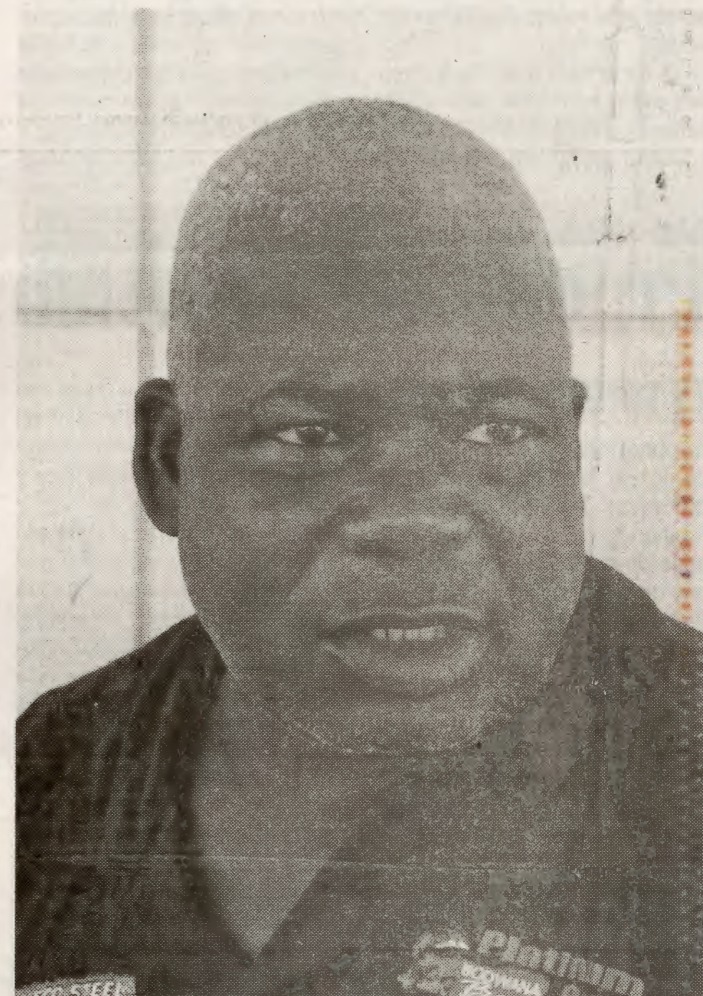
Na sua maioria disseram que geralmente ela acorda mais cedo que o homem (4 ou 5 horas da manhã), prepara a água para o banho do marido, lava as crianças, veste-as, serve o pequeno-almoço, dá de comer aos menores e prepara o lanche, enquanto arruma a casa.

“O homem acorda mais tarde e encontra tudo pronto, mas mesmo assim é impaciente e acha que a mulher faz perder tempo e muitas vezes o casal acaba entrando em choque”, observou Ernesto Xirindza, alegando que esta foi uma lição de vida para ele e que vai partilhar com os demais membros da comunidade.

Para a fonte, a mulher também precisa de descansar e não vê problema em um homem ajudar nas tarefas domésticas sempre que necessário, pois todos saem a ganhar.

“Se juntos forem à machamba, não acho justo que ao regressar o homem fique sentado e ela se mantenha a trabalhar até tarde. Eu, como homem, posso ajudar a limpar a casa, lavar a roupa e engomar”, disse Xirindza, para quem alguns homens acabam deixando todo o trabalho doméstico para a esposa logo que se casam, devido aos tabus.

“O problema é o tabu, porque quando outros membros da sociedade vêem um homem a lavar a roupa da esposa dizem que está engraçado, mas isso é expressão de amor pela mulher. Temos de saber que ela também precisa de descansar. Pensamos que mulher é uma escrava da casa, mas não é e, como resultado, temos conflitos nas famílias e divórcios. A mulher deve ter boas lembranças do marido, assim como o marido deve sentir-se orgulhoso da esposa que tem”, acrescentou Ernesto Xirindza, pai de 30 filhos feitos com três esposas.



Pascoal Welelo Guebuza

Lutamos contra a violação de menores

PASCOAL Welelo Guebuza, 56 anos de idade, tem feito palestras nos bairros para combater a violação sexual de menores de idade e mulheres.

Disse que nas sessões explica às comunidades o quão são prejudiciais para a vítima e para o país os actos de violência, pois gastam-se valores na assistência médica, psicológica, que poderiam ser usados para outros fins a bem da comunidade. Acha que a violação sexual destrói as vítimas, pois elas sentem-se excluídas da sociedade devido ao trauma que sofrem.

“Ensinamos as comunidades a não enveredar pela violação de menores. Para mim, não se justifica que um homem deixe a sua esposa e viole uma criança. Acho esta atitude repugnante e deve ser combatida”, disse Guebuza, acrescentando que, como activista, luta também contra a violência na comunidade, que muitas vezes tem origem nas relações extraconjugais.

“Quando o marido ou a esposa se envolve numa relação extraconjugual, um deles pode-se exaltar e ir queimar a casa da outra ou matar o outro. Então, procuramos sensibilizar as pessoas para que não se chegue a extremos e sempre que o casal estiver desavindo deve optar pelo diálogo”, disse.

No que diz respeito às responsabilidades da mulher e do homem na família, Pascoal Guebuza disse que tal depende do casal. Na sua opinião, os dois devem buscar formas de convivência que não prejudiquem a sua relação.

“Eu não tenho complexos em ajudar a minha esposa nas tarefas domésticas sempre que necessário. Não deixo tudo para ela. Vamos juntos à machamba, precisamos de nos ajudar porque todos ficamos cansados”, referiu Guebuza, pai de 15 filhos.

Abandonar aspectos negativos da cultura

POR seu turno, o padre Ricardo Kosicki, que também esteve na formação, disse que as pessoas devem reflectir sobre alguns aspectos negativos da cultura que não ajudam para o desenvolvimento da sociedade.

Para o padre Kosicki, se uma lei da tradição não faz bem e mata de forma directa ou indirecta, tem de ser mudada ou melhorada para o bem de todos.

Segundo o clérigo, há pessoas que fundamentam que os casamentos prematuros e poligâmicos fazem parte da cultura das comunidades onde ocorrem e que não deve ser

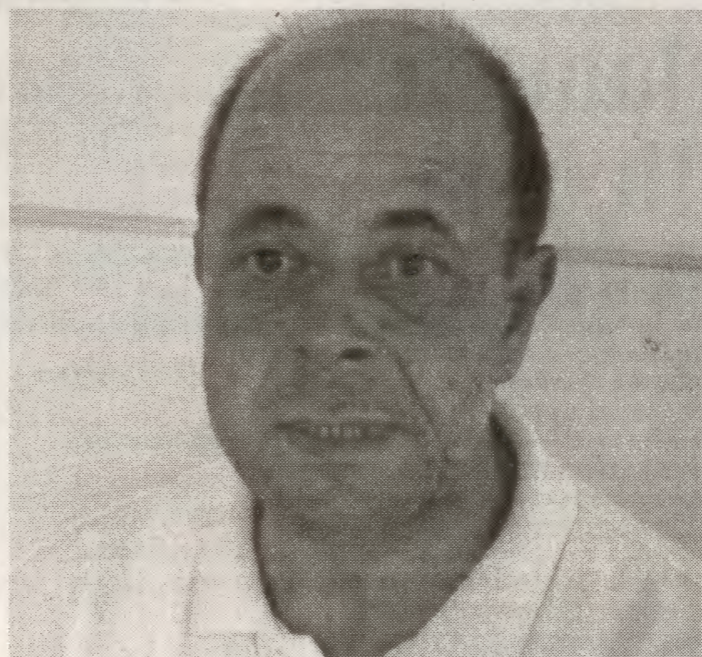
mudada. Contudo, avançou que na actualidade, tendo em conta a nova dinâmica da vida e contexto, é necessário mudar de postura.

Disse que é preciso combater as gravidezes precoces porque as crianças não estão preparadas ainda para cuidar de uma outra criança, nem o rapaz envolvido está preparado para tamanha responsabilidade. “Daí a tendência de fugir e, como resultado, a menina procura esconder a barriga e praticar o aborto inseguro, com todos os riscos”, observou o padre.

Argumentou que a formação de

jovens não depende somente da escola e da igreja, mas também do acompanhamento dos pais, mesmo reconhecendo que na sua maioria trabalham.

“Este é outro desafio porque os filhos ficam muitas vezes aos cuidados de terceiros. Falamos sempre destas coisas na igreja e procuramos mudar o rumo das tendências actuais. Fui enfermeiro e conheço algumas coisas e posso falar não somente como teólogo mas também como pai ou ancião que sabe um pouco mais e pode dar o seu contributo”, referiu.



Padre Ricardo Kosicki